

“Outrora Esquecidos”: etnografia do Cemitério Municipal Cristo Rei de Toledo – Paraná

Jéssica Dal Piva

Mestra em Ciências Sociais – Universidade Estadual do
Oeste do Paraná (UNIOESTE)

RESUMO

Neste estudo, apresento alguns aspectos simbólicos evidenciados a partir das reformas realizadas no Cemitério Municipal Cristo Rei, localizado na Avenida Maripá, no Município de Toledo/PR, na primeira década do século XXI. Na reforma, houve um trabalho simbólico e novos elementos foram inseridos no espaço, ao mesmo tempo em que alguns elementos antigos foram mantidos e valorizados. Assim, escolhi um dos monumentos que compõem o espaço cemiterial remodelado: a Quadra 27, que é composta por enterramentos realizados entre os anos de 1953 até 1972. Durante a reforma da necrópole, “os esquecidos” foram homenageados através da identificação de seus nomes e da colocação de placas no corredor principal do cemitério. O elemento em análise são os “Arcos da Vida” – onde estão as placas com os nomes “dos esquecidos”.

Palavras-chave: Cemitério público; Pioneiros; Quadra 27; Esquecidos; Antropologia Urbana.

"Once Forgotten": Ethnography of the Municipal Cemetery Cristo Rei de Toledo – Paraná

ABSTRACT

In this study, I present some symbolic aspects evidenced by the reforms carried out in the Cristo Rei Municipal Cemetery, located at Avenida Maripá, in the Municipality of Toledo, in the first decade of the 21st century. In the reform, there was a symbolic work and new elements were inserted in the space, at the same time that some old elements were maintained and valued. So I chose one of the monuments that make up the remodeled cemetery: the Block 27 that is composed of burials made between the years 1953 to 1972. During the reform of the necropolis, "the forgotten ones" were honored by the identification of their names and the placement of plaques in the main corridor of the cemetery. The element under analysis is the "Arches of Life" - where they are on the boards with the names "of the forgotten".

Keywords: Public cemetery; Pioneers; Court 27; Forgotten; Urban Anthropology.

“Antes Olvidados”: Etnografía del Cementerio Municipal Cristo Rei de Toledo – Paraná

RESUMEN

En este estudio, presento algunos aspectos simbólicos evidenciados por las reformas llevadas a cabo en el Cementerio Municipal Cristo Rei, ubicado en la Avenida Maripá, en el municipio de Toledo, en la primera década del siglo XXI. En la renovación hubo un trabajo simbólico y se insertaron nuevos elementos en el espacio, al mismo tiempo que se mantuvieron y mejoraron algunos elementos antiguos. Así que elegí uno de los monumentos que conforman el espacio del cementerio remodelado: el Bloque 27, que está compuesto por entierros realizados entre 1953 y 1972. Durante la renovación de la necrópolis, los "olvidados" fueron honrados al identificar sus nombres y colocar letreros en el corredor principal del cementerio. El elemento bajo análisis son los "Arcos de la vida", donde se encuentran los signos con los nombres "de los olvidados".

Palabras clave: Cementerio público; Pionero; Corte 27; Olvidado; Antropología Urbana.

INTRODUÇÃO

A temática da morte é um dos assuntos clássicos das Ciências Sociais. Podemos encontrar diversos autores que tratam do tema. Alguns deles têm o objetivo de investigar as mudanças que ocorrem em torno da mesma. Para a construção desse trabalho, foram analisadas diversas obras com o objetivo de compreender as facetas deste tema tão estudado e debatido.

Existem muitas indagações e mistérios que rodeiam a morte. Uma delas diz respeito ao fato de que não conseguimos criar uma experiência da morte que nos informe de maneira próxima o que ocorre, por exemplo, no pós-morte. Além disso, ao longo dos séculos, grandes transformações foram criando um ambiente de afastamento da morte.

Em momentos históricos anteriores, a morte era algo pleno de consequências, como diz Caputo (2008). No entanto, ela deixa de ser algo familiar, ou seja, a morte não é mais vista de tão perto, como de dentro de casa, e passa a ser dada de forma objetiva, nos hospitais e clínicas. Até os velórios são transferidos para espaços como capelas, igrejas e salões das comunidades.

Desta forma, a morte é quase sempre tratada como um tabu e é vista como algo proibido de se falar. José Carlos Rodrigues, em sua obra “Tabu da morte” (2006), fez vários apontamentos sobre o tabu. A morte pode ser vista na sociedade como algo universal, já que todos partem de comportamentos parecidos, mas ela também é subjetiva, pois é algo íntimo – “(...) ao mesmo tempo seu caráter de extrema individualidade e sua construção social: ela traça um confim último entre a subjetividade do eu e do outro.” (RODRIGUES, 2006, p. 21).

No Brasil, a maior parte dos enterramentos é realizada em cemitérios públicos embora, na última década, o número de cremações tenha crescido principalmente nas grandes cidades. Dada a centralidade da morte na vida social, os cemitérios são espaços interessantes para pensar a organização da comunidade, além de serem representativos da variação de crenças e símbolos que compõem um determinado ambiente social. Neste estudo, observo os elementos simbólicos presentes no ambiente espacial cemiterial e não nas práticas de enterro e luto.

O cemitério municipal Cristo Rei é o mais antigo da cidade de Toledo. Esse espaço vem sendo construído já há vários anos e por isso lá encontramos uma enorme riqueza simbólica e ritual: tabus, identidades e memórias estão neste espaço. O crescimento do

cemitério se dá como a continuidade da história do município. Alguns livros contam parte dessa história.

Segundo Colognese, no livro “Ruas de Toledo: identidades que se cruzam” (2011, p.35), o cemitério Cristo Rei foi construído após o ano de 1949. Com a morte de José Drago, houve a necessidade da criação de um espaço para o primeiro enterramento. A palavra final para decisão do local da necrópole foi dada pelo Padre Antônio Patuí. No mesmo livro, existe a informação da suposta existência de outro cemitério, com oito sepulturas. Sobre este último, Felicetti, morador da região e pioneiro da cidade, conta que viu alguns crânios no chão e que o cemitério havia sido aterrado tempos antes.

Na época, Padre Patuí sugeriu que construíssem um novo, dando origem ao cemitério Cristo Rei. O local era afastado do centro da cidade. Contudo, ao longo dos anos e com o crescimento do núcleo urbano, o cemitério se encontra praticamente na área central (NIEDERAUER, 2004, p.100). O mesmo ocorre com o outro cemitério “Jardim da Saudade”, localizado no Jardim Pinheirinho, próximo a várias casas populares e a empresas.

Ao longo da realização deste estudo, busco entender elementos inseridos e reforçados na reforma do cemitério municipal Cristo Rei. O término final da reforma aconteceu em 2013 e foram inseridos os “Arcos da Vida” e as placas de homenagem com os nomes dos esquecidos da quadra 27. Além da inserção desses elementos, sabemos que a reforma serviu também para atender a demanda e o público de quase 25 mil pessoas que visitam o espaço no Dia de finados – segundo as informações do Jornal do Oeste de Toledo. Houve uma notável valorização do espaço com todas essas melhorias.

Para melhor ilustrar os elementos arquitetônicos a partir dos quais surgiu a motivação do nosso estudo, propomos uma reconstituição narrativa do espaço atual do cemitério. Após passar pelo portão principal, observa-se um enorme corredor que segue até o fim do cemitério. A primeira quadra à esquerda, atrás do espaço da administração do local, é a “Quadra 27”. Na sequência, estão os “Arcos da Vida”. Eles começam à esquerda da segunda parte da quadra 27 e vão até o final do corredor, alternados entre a direita e a esquerda, no início de cada quadra. O objetivo principal deste trabalho é compreender como esses elementos simbólicos foram inseridos e também valorizados durante a reforma do cemitério.

Dessa forma, quais foram as referências simbólicas que nortearam a reforma do cemitério, e quais foram os critérios para que chegassem à escolha desses símbolos? O que motivou a ação de deixar em evidência a Quadra 27 e não outra quadra do cemitério? De

forma comparativa, pode-se dizer com segurança que existem várias outras quadras em situação de abandono na mesma necrópole.

A escolha do tema se deu através de inquietações referentes à morte, aos tabus, ao cemitério e às crenças religiosas que envolvem o espaço. Várias histórias são criadas a fim de solucionar a questão da morte, na sua maioria de cunho religioso. Durante a infância, recebi de minha família uma educação religiosa que me fez pensar na morte e que inicialmente trouxe certa vontade de pesquisar este espaço.

Dessa forma, quando visitei o campo pelas primeiras vezes, busquei informações e fotografei o espaço. Encontrei no cemitério uma diversidade de elementos. Muitos anteriormente haviam me passado despercebidos. Entre tantos outros, passei a cultivar certa curiosidade em torno dos elementos já citados acima. Ao mesmo tempo, estudar a composição dos elementos simbólicos é estudar a história da própria cidade e de certos aspectos que são considerados centrais para a vida de seus habitantes.

A pesquisa foi sendo realizada com a utilização de recursos diversos. O primeiro passo foi realizar um trabalho de campo para reconhecimento do local. O campo foi sendo descoberto de forma natural. Começamos com simples passeios e fotos. Conforme apareciam os elementos, íamos analisando para encontrar nosso objeto - um elemento que nos apresentasse maior interesse. Criamos um mapa para nossa localização onde foram sendo desenhadas as quadras e as construções. Os elementos, de certa forma, se apresentaram para nós.

Depois disso, o interesse foi cada vez mais pela interligação entre os “Arcos da Vida” e a “Quadra 27”. Por fim, compreendi que tudo estava inserido no contexto da reforma realizada no cemitério. Após essas definições, realizei exercícios de observação direta, entrevistas abertas e fotografias do espaço, sempre visando compreender os elementos da reforma. Atualmente, estamos buscando documentos de época tais como reportagens de jornais do município e documentos históricos arquivados.

Essa etapa foi realizada com alguma dificuldade. Contudo, a partir de indicações de informantes conseguimos dados da história do município, um mapa antigo que ainda hoje é utilizado no cemitério e através de protocolo aguardou durante algum tempo respostas sobre o local que não chegaram. Os levantamentos bibliográficos utilizados neste estudo são artigos científicos, livros e obras específicas da cidade de Toledo.

Neste trabalho, apresento como foi desenvolvida uma etnografia sobre o espaço do Cemitério Municipal Cristo Rei de Toledo – Paraná. O objetivo principal deste artigo é

apresentar o espaço para que o leitor se sentisse de fato no cemitério. Algumas fotos e mapas compõem a etnografia a fim de exibir ao leitor imagens do espaço estudado e de complementar as descrições com elementos pictóricos.

Ainda na etnografia, está apresentada a forma como escolhi os objetos e como fui reconhecendo o campo e, dessa forma, como eles passaram a fazer parte da minha pesquisa. Tento apresentar a descrição do local ao mesmo tempo em que me localizo como “observadora participante”.

Por fim, apresento as dificuldades que tive no campo. A prática do trabalho de campo é muito interessante, gostei muito da experiência. Contudo, confesso que as dificuldades por vezes nos fazem querer desistir. Como a etnografia é essencial para a produção do trabalho, ela precisa ser feita com riqueza de detalhes. Ir a campo é deixar desenvolver em si o lado antropólogo.

A ETNOGRAFIA DO CEMITÉRIO MUNICIPAL CRISTO REI

De acordo com Roberto Cardoso de Oliveira, no texto “O Trabalho do Antropólogo” (2000), fazer antropologia é algo muito específico. É como apresentamos nossas particularidades. O ato de escrever um texto é mais do que uma tentativa de expor o saber, é como se apresenta o nosso pensar e como nosso conhecimento se reproduz.

Ao antropólogo cabe saber olhar, ouvir e escrever, pois é a partir daí que podemos ter um caráter construtivo. Essas três etapas da pesquisa e da produção do conhecimento questionadas e problematizadas entre si se tornam atos cognitivos. Mas vale ressaltar que estes três atos precisam ser disciplinados e realizados com percepção e então serem exercitados de acordo com a necessidade de sua criação.

Disciplinados no sentido de que, quando vamos a campo, é preciso que saibamos pesquisar e como a partir daí vamos construir hipóteses e traçar objetivos. Nas primeiras visitas, tudo se torna curioso e desejado para pesquisar.

No trecho abaixo, o autor já citado explica como pesquisar:

Assim, procurarei indicar que enquanto no olhar e no ouvir "disciplinados" - a saber, disciplinados pela disciplina - realiza-se nossa percepção, será no escrever que o nosso pensamento exercitar-se-á da forma mais cabal, como produtor de um discurso que seja tão criativo como próprio das ciências voltadas a construção da teoria social. (OLIVEIRA, 2000, p.18).

Depois do contato que tive com a antropologia e os anos que passei com ela na faculdade, observei que a pesquisa de campo, a etnografia e o gosto por pesquisas diferenciadas estavam cada vez mais se afluando. E, com o passar dos anos, o contato com a disciplina também aumenta, os textos que são lidos também nos deixam mais instigados a continuar as pesquisas.

Sendo assim, apresento como cheguei ao meu campo, de uma forma pouco objetiva, eu diria. Afinal, meus olhos ainda não estavam disciplinados para o olhar etnográfico que eu precisava.

Desta forma, meu primeiro objeto de estudo estava sendo criado com base na Doutrina Espírita e como ela se desenvolvia. Eu tinha curiosidades desde criança quando frequentava com a minha tia o centro espírita em quase todos os sábados. Enquanto eu fazia atividades extras como desenhos, pinturas e leituras, ela participava das palestras e reuniões.

Quando questionava sobre o que falavam e discutiam nesses encontros, sentia que ela não saberia me dizer exatamente o que acontecia lá. Dessa forma, anos mais tarde comecei a ler livros espíritas que ela mesma me indicava. Nas leituras que fiz, hoje percebo que muitas coisas passavam sem que pudesse entender o que era de fato.

Assim, quando estive em contato com o curso de Ciências Sociais, comecei a notar que tudo era possível de se tornar uma pesquisa. Eu trabalhei na secretaria do curso durante dois anos (2009-2011) e no final do ano os Trabalhos de Conclusão de Curso começavam a ser entregues e eu podia notar que os temas eram muito diversificados.

Quando entrei no curso em 2012, comecei a entender como as pesquisas se desenvolviam e como elas eram direcionadas. Com as leituras que a disciplina de Laboratório I proporcionou, resolvi mudar o objeto, sendo este a análise de elementos simbólicos que estão presentes no espaço cemiterial.

Seguindo na tentativa de definição de um objeto de pesquisa, a primeira visita que fiz ao cemitério me surpreendeu, já que os elementos simbólicos são vários e que eles conversam entre si e as religiões que ali estão. Como disse Cardoso de Oliveira, “Talvez a primeira experiência do pesquisador de campo - ou no campo - esteja na domesticação teórica de seu olhar.” (OLIVEIRA, 2000, p.19).

Cardoso de Oliveira acredita que o olhar condiciona. Ele trabalha de forma quase independente do objeto, ou seja, o objeto não muda com o olhar e o olhar, esse sim, muda

de acordo com o uso que fazemos dele. O olhar nos prepara para algo muito maior do que apenas observar ou descrever as idas a campo.

A ideia de domesticação do olhar me fez entender que tudo pode ser observado para ser estudado, mas é preciso entender qual o significado que as coisas têm, pois nem tudo que está em um determinado espaço pertence de fato a ele. Quando parei minhas leituras sobre o Espiritismo e iniciei as leituras sobre a morte, pude notar que, por mais que muitas ideias se encaixem, elas não pertencem ao mesmo grupo.

Estudar a morte era algo muito amplo que inicialmente para mim envolvia muitas questões religiosas. Meu olhar era totalmente voltado à religião católica, estava condicionado pela mesma. Assim, havia muitas dificuldades para desmistificar os objetos e até mesmo o cenário que ela ocupava. Até chegar ao campo que estou analisando hoje foram muitas leituras e muitas conversas. O espaço cemiterial é muito rico para pesquisas. Contudo, afunilar os objetivos é de total importância para estudar.

Usar da etnografia para apresentar nosso campo é uma maneira bem antiga de fazer análises e ainda desenvolver as pesquisas. Digo isso, pois é possível notar que, desde o início do século XX, muitos antropólogos vêm desenvolvendo este método, baseando-se sempre em conhecer o “nativo” e compreender como algumas relações se desenvolvem, manter contato com os mesmos e então realizar suas pesquisas.

Bronislaw Malinowski (1935) e muitos outros pesquisadores defendiam muito a pesquisa de campo e acabaram contribuindo de forma grandiosa para o método etnográfico. Quando se está em campo, é preciso entendê-lo e isso requer estudos, leituras e horas dentro do espaço escolhido.

(...) a primeira meta do trabalho de campo etnográfico é fornecer um esquema claro e firme da constituição social, bem como destacar as leis e normas de todos os fenômenos culturais, libertando-os dos aspectos irrelevantes. (MALINOWSKI, 1978, p.25).

Assim sendo, podemos notar que para termos uma etnografia, que seja um trabalho de campo bem desenvolvido e que consiga abranger todos os aspectos etnográficos, precisamos também ter metas a cumprir dentro do espaço que escolhermos, ir conhecendo, convivendo e dialogando com os “nativos” como é possível ver nas leituras de Malinowski e Cardoso de Oliveira, pois não é possível que nos tornemos um. Eles são nossos “interlocutores”.

Dessa forma, apresento a seguir como fiz para escolher o campo e como ele se desenvolveu desde que cheguei ao Cemitério Municipal Cristo Rei de Toledo, no Paraná. Um campo totalmente desconhecido como pesquisadora, o qual tornei meu objeto de estudos e iniciei minhas pesquisas para apresentar como a reforma se deu e quais objetos inseridos que mais me chamaram a atenção.

Por mais que tenha nascido na cidade de Toledo, o cemitério para mim nunca foi um território familiar. Cultivava a ideia de que devemos ir ao local apenas no Dia dos mortos ou quando havia enterro. Frequentei-o diversas vezes, algumas vezes até sem querer ir. Lembro que minha avó dizia que era preciso ir visitar os mortos ou então eles iriam nos visitar.

Como ainda não via o cemitério como um espaço de pesquisa e muitas crenças e tabus o envolviam, quando me deparei com ele já na pesquisa, pude notar que é um campo até divertido de ser pesquisado. Hoje consigo ver o cemitério como um campo de repouso e que envolve muitas questões das quais pretendo apresentar no decorrer do trabalho.

Os objetos e reconhecimento do campo

O cemitério de forma geral é um espaço de várias histórias, sejam elas longas ou não. É também onde ficam nossos antepassados. Estes, por sua vez, construíram de alguma forma o que também somos hoje. O espaço também representa tradição, história, presente e passado e há aqueles que imaginam o futuro. E, claro, muitas memórias e lembranças.

O espaço cemiterial guarda os restos mortais humanos e é visto como um campo que devemos respeitar seja qual for a religião que seguimos. Quando fazemos nossas orações, estamos também manifestando nossas crenças, esperanças e incertezas, através dos ritos que praticamos e dos símbolos que utilizamos.

O cemitério não é o espaço de apenas uma religião e os objetos que lá estão não contém apenas um significado. Quando me propus a identificar os objetos, fiz uma lista extensa deles, para escolher entre todas as opções. Pensei em analisar a cruz, as flores, as velas, os anjos nas lápides, entre outros objetos que se apresentam no local.

Sendo este um local de diversidade religiosa e cultural, pode-se notar que não podemos entrar nele, acreditando apenas na nossa religião, dogmas e crenças. Gilberto Velho (1981) acreditava que deveríamos nos afastar um pouco do nosso objeto. Sendo assim, de acordo com Velho (1981, p.123, grifos do autor) “Afirma-se ser preciso que o

pesquisador veja com os olhos *imparciais* a realidade, evitando *envolvimentos* que possam obscurecer ou deformar seus julgamentos e conclusões”.

Embora a neutralidade não seja atingida e nem seja mais um objetivo da antropologia, um certo nível de afastamento é necessário para recortar o objeto de estudo. O cemitério não era algo que estava próximo as minhas atividades, mas o tema morte, por exemplo, é algo que se aproxima mais de nosso dia a dia.

Na segunda década do século XX, as pesquisas sobre questões relacionadas à morte, aos espaços de cemitérios, as relações que existem neste campo, foram tomando mais abrangência nas ciências sociais e na antropologia (SILVA, 2011). Dessa forma, hoje temos um número maior de pesquisas e também de estudos relacionados ao mesmo tema.

Estudando os ritos, objetos, as relações que se criam e todo o restante, pode-se notar que o ambiente do cemitério é algo que se transformou e se tornou um ambiente de diversas práticas religiosas, pequenas orações e visitas turísticas também. Além disso, as necrópoles não estão apenas sendo utilizadas para os ritos propriamente relacionados à morte, ou apenas para guardar os corpos dos que já se foram.

Existem muitas culturas frequentando o cemitério e, por isso, esse se torna um ambiente de encontros. “Durante essa entrada no cemitério que o grupo tem a oportunidade de reforçar a efetividade dos seus símbolos rituais a partir do contato com o ‘outro’ ”. (SILVA, 2013, p.104).

No Dia de finados, por exemplo, podemos notar que o cemitério é um espaço de socialização no qual as pessoas se encontram, se abraçam, levam flores, velas e até alimentos na visita aos seus entes. No entanto, ainda que seja um território que lembra um pouco da tristeza para algumas pessoas, para outras é um espaço de alegria. Os significados e atividades realizadas ali são variados. Nos portões de acesso ao cemitério, vi pessoas que estavam panfletando, vendendo flores e até bebidas e alimentos. Cada uma destas pessoas participa da construção deste cenário social praticando atividades que se relacionam com a vida e a morte.

Borges (2001) recupera que o primeiro ordenamento para construção de cemitérios convencionais no Brasil foi dado por D. Maria de Portugal, em 1789. Naquela ocasião, ficou delimitado que a formatação do cemitério seria a seguinte:

Adotou-se o tipo de modelo convencional, isto é: um lugar de enterramento circunscrito em uma área delimitada por muros, cujo portal solene de entrada reforça a característica de ser uma instituição fechada. Normalmente, o seu

loteamento é repartido de maneira quadriculada, com carneiras numeradas, supostamente do mesmo tamanho, dispostos nas quadras sucessivamente, permitindo a imediata classificação e localização dos mortos no espaço, refletindo também as escalas sociais. (BORGES, 2001, p. 10).

Ainda segundo a autora, em nosso país, os cemitérios a céu aberto foram oficializados só depois da lei de 1º de outubro de 1828¹, promulgada por D. Pedro I, que tratava “§ 2º Sobre o estabelecimento de cemitérios fora do recinto dos templos, conferindo a esse fim com a principal autoridade eclesiástica do lugar;” (BORGES, 2001, p.10).

Por mais que os cemitérios tenham saído de dentro ou de perto das igrejas, podemos ainda notar que a lógica da maior parte das necrópoles é católica. Não apenas por ser um índice apresentado em pesquisas², mas pela maneira como se deu a colonização³ do Brasil e da cidade de Toledo. Isso talvez, de alguma forma, ainda interfira e muito na disponibilidade das organizações e também nos rituais que são praticados nestes espaços.

Seguia eu nas minhas visitas até que encontrasse algo para ser estudado neste espaço. Neste exercício aparentemente bem simples, destacaram-se os elementos que então se tornaram de fato parte da pesquisa na qual pretendo compreender as relações entre a memória e os monumentos.

O mapa foi realizado de acordo com as minhas andanças pelo espaço e, claro, com a ajuda de recursos de pesquisa. Eu andava e ia anotando as coordenadas. Muitas vezes não conseguia obter uma visão exata de alguns espaços, como, por exemplo, as quadras laterais do fundo do cemitério. Podemos notar que o espaço do cemitério está em uma área central e bem extensa. Não há simetria entre todas as quadras.

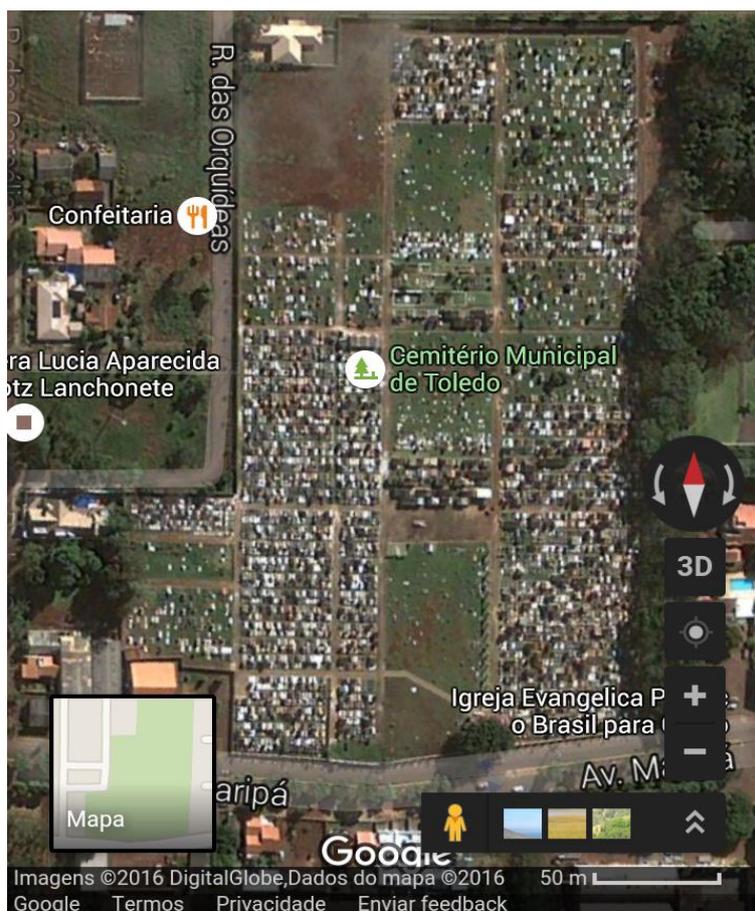


Figura 1. Fonte: Google Earth, com elaboração da própria autora.

Embora a criação do cemitério tenha sido analisada pelos pioneiros que aqui estavam na época, sabemos que eles não imaginavam como esses espaços iriam crescer de modo que não tivesse mais espaço para enterramentos futuros. A imagem acima nos permite analisar o cemitério nos dias de hoje e perceber como ele está mais preenchido com novos enterramentos.

Dessa forma, com auxílio do Google Earth, consegui uma imagem bem definida do espaço, sua localização e suas separações. Meu mapa feito à mão não estava tão longe, mas faltavam detalhes, os quais consegui melhorar com a ajuda da imagem acima, como por exemplo, a separação de algumas quadras. Andando pelo cemitério, elas não pareciam bem divididas, mas, como é possível notar, elas seguem alguns padrões na sua construção.

Após o desenho do mapa, visualizei a “Quadra dos Esquecidos” ou a Quadra 27, os Arcos da Vida e também um Anjo que se encontra ao final do corredor, do qual está apenas representando uma espécie de símbolo religioso. Não há uma identidade oficial definida para ele.

Com o mapa, ficou mais fácil entender como o cemitério está disposto e como ele se apresenta para nós. Esse material de apoio ajuda a organizar melhor a compreensão do local.

Descrição e observação participante

O local escolhido para o trabalho de campo é o Cemitério Municipal Cristo Rei de Toledo que está localizado na Avenida Maripá, no bairro Jardim La Salle. Inicialmente, nos anos da fundação da cidade, o local foi escolhido por se encontrar em uma parte afastada do centro da cidade. Contudo, o crescimento da população não permitiu que ficasse muito tempo assim.

O espaço cemiterial possui uma área de aproximadamente 56 mil metros quadrados. Nele, encontram-se mais de 15 mil pessoas enterradas, sendo que, segundo alguns jornais locais, apresentavam uma superlotação no ano de 2013⁴. O problema foi solucionado a partir a criação de novos lotes.

Esses novos espaços já faziam parte da estrutura do local, pois não há espaço para novas compras de terrenos, já que ao redor existem casas e outros bairros, que impedem o crescimento do cemitério. As vendas acontecem todos os anos, mudando os valores. A procura pelo espaço neste cemitério é muito grande.

Acredita-se que o novo Cemitério Municipal Jardim da Saudade⁵ não seja o predileto do público toledano. Alguns motivos podem explicar isso. Ele apresenta uma nova estrutura de espaço e predisposição dos corpos, os chamados “cemitérios parques” que não agrada a todos. Além disso, o novo espaço cemiterial não permite a construção de capelas ou grandes túmulos, já que todo o espaço é coberto por grama, tendo apenas as lápides no chão para localização do enterrado. Foge assim da tradicionalidade dos cemitérios, por mais que nas leituras seja possível observar que ainda hoje são feitas muitas mudanças nesses espaços. Ainda assim, a arquitetura mais tradicional com lápides e placas de homenagens tende a prevalecer.



Figura 2. Fonte: Portal da Cidade de Toledo.

Referente à descrição do local, a fachada do cemitério foi toda reformada no ano de 2010, com muros altos e grades, para evitar roubos de objetos e vandalismo. O cemitério possui dois portões para entrada, um deles é aberto apenas próximo ao Dia de finados para fazer manutenção com carros e caminhões da prefeitura e no Dia de celebrar os mortos. Nesta data, acontecem várias missas da igreja católica e o número de visitantes é bastante grande.

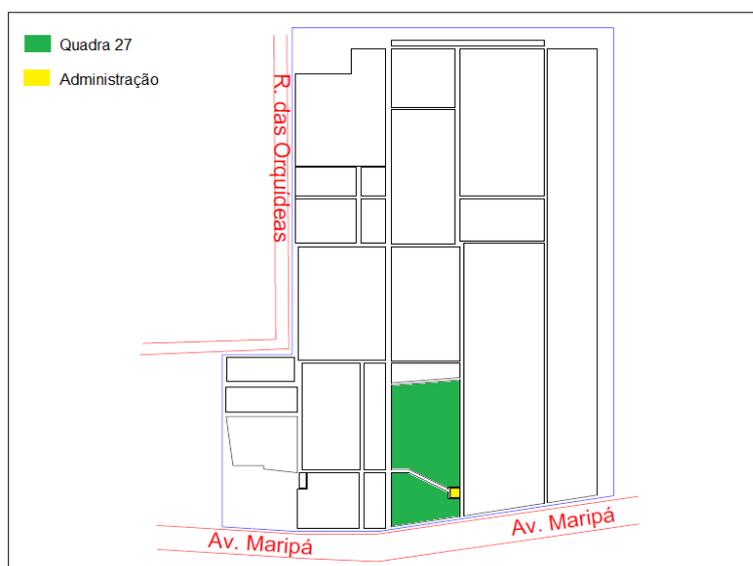


Figura 3. Fonte: A autora, 2015.

O desenho foi projetado a partir da vista superior do *Google Maps*, pois, nas idas a campo, muitos caminhos ficavam confusos para a descrição e também para localização dos elementos da pesquisa. Outro fator que nos levou a criá-lo foi a falta de dados dos setores responsáveis pelo cemitério, pois inicialmente eles disseram que não havia mapa do local.

A construção do cemitério foi feita de acordo com a necessidade de sua utilização. As quadras não foram projetadas antes que houvesse a necessidade do uso. Sendo assim, a relação da numeração é de acordo com a sua criação e as quadras são irregulares e algumas não possuem a separação com calçadas.

Conforme o mapa acima, feito com a ajuda de um programa para desenhos técnicos de arquitetura, é possível notar como o cemitério se desenvolve e como ele está repartido. No mapa, deixo mais evidenciada a “Quadra 27”, que é estudada e apresentada neste trabalho, e o local da administração onde consegui algumas informações bem importantes para o meu trabalho de campo.

O corredor central, logo ao lado da administração e da Quadra 27, é onde estão localizadas as placas com nomes e a homenagem feita aos mortos. O portão principal, aberto todos os dias, dá acesso ao corredor principal e à administração do local ao lado esquerdo. No espaço da administração, também se encontram os banheiros. Estes, por sua vez, sempre geram reclamações, pois são apenas dois banheiros para cada sexo. Dessa forma, fica um pouco tumultuado com a movimentação de pessoas nos dias de visitação.

O espaço administrativo é pequeno, possuindo apenas uma sala principal na qual a população é atendida, com bancos e computador para acesso ao sistema local e uma sala de arquivos. Neste local, fica apenas o administrador, pois os demais funcionários⁶ estão sempre fazendo a manutenção e auxiliando os visitantes.

Na sequência, ainda à esquerda da entrada principal, encontra-se a Quadra 27 ou a “Quadra dos Esquecidos”. Esta quadra possui 741 enterrados. Embora não seja a maior quadra do cemitério, seu número alto de enterrados se dá pelo fato de ser na sua maioria infantes que possuem túmulos menores.

As quadras não possuem uma ordem numérica, mas são identificadas por números. A “Quadra dos Esquecidos” tem um corredor que a separa, logo atrás da administração. Acredito que seja para dar acesso aos banheiros e ao portão quando entra ou sai do local, o que não interfere na sua numeração.

Na foto acima tirada na entrada principal do cemitério, pode-se notar à esquerda a Quadra 27. Logo no início, há uma placa que explica a homenagem e próximo a ela estão se iniciando os pilares da vida. Estes também são explicados na placa. À direita, há outra quadra com túmulos bem antigos e grandes capelas.

Como fica evidenciado na foto, o longo corredor central dá acesso às demais partes do cemitério. Quando termina a quadra 27, bem ao fundo, observa-se o Cruzeiro, que faz a demarcação central de todo o espaço. Esta cruz é usada por muitos visitantes, ela representa também os mortos que não puderam mais ser visitados, ou que estão em outras localidades.

O cruzeiro está sempre cheio de velas, terços, flores e outros objetos que representam a lembrança daquele que já se foi ou que está distante. Sempre que ia fazer minhas observações, encontrei os objetos e pessoas que utilizavam este espaço.

É importante ressaltar, ainda, que em todas as etapas do complexo ritual fúnebre católico, as rezas e/ou velas são símbolos e objetos incontornáveis. Saliento também, que de uma maneira geral, as reflexões antropológicas elaboradas em torno dos rituais fúnebres tendem a pôr ênfase nos conteúdos estruturais ou processuais desses ritos, deixando pouca margem a conjugação desses elementos as suas dimensões emocional, afetiva e de memória; talvez porque tanto a memória quando os sentimentos afetivos (amor, saudade) contêm um grau elevado de certa intangibilidade, por causa da natureza mesmo desses elementos que o tempo todo parecem escapar e se esconder da nossa apreensão. (REESINK, 2010, p.3).

Segundo Reesink (2010), podemos notar que os objetos que estão no cemitério fazem parte de um processo de luto ou do processo dos rituais que envolvem o mesmo. É difícil entender o que cada objeto significa para cada um que visita o local, os sentimentos e emoções. Por esse motivo, torna-se difícil uma discussão sobre esse tema.

Assim, sobre o espaço cemiterial, pode-se notar que muitos dos túmulos da frente têm espaço definido para velas e flores. Acredito que seja uma forma de ressaltar o sentimento que envolve o local. Principalmente para a religião católica, que se mostra predominante.



Figura 4. Fonte: A autora, 2015.

O monumento chamado de “Os Arcos da Vida” foi inserido durante a reforma do cemitério, no ano de 2010. Não se pode entrar no local e não perceber que ele está presente. Além de seu significado estar fazendo parte da história do espaço como um todo, ele está bem visível. Os arcos passam a ser a representação daqueles que estão enterrados no cemitério Cristo Rei.

Na foto acima, pode-se observar o corredor central. Este é o corredor que dá acesso às quadras do cemitério em dias normais de visitação e enterro. O outro corredor,   direita, é aberto apenas para as missas, que acontecem no Dia dos mortos.

A placa que faz a homenagem diz: “Arcos da Vida – Este memorial visa mostrar o caminho da vida, do nascimento até seu rompimento. A quadra n  27 do Cemitério Municipal Cristo Rei, guarda os restos mortais de 741 pessoas, algumas esquecidas pelos seus familiares. A administra o municipal identificou a todos e traz a lembrança, através dos ARCOS DA VIDA”. Conforme a imagem abaixo.



Figura 5. Fonte: A autora, 2015.

É comum que as placas explicativas se apresentem em todos os monumentos que cercam os espaços, seja no cemitério ou em outros locais da cidade. No cemitério, a placa explicativa apresenta o significado dessas reformas. Ela fica logo após a administração do local e é bem visível.

Ressalto que é muito importante ter essas placas explicativas, pois elas contam parte de nossa história, de uma forma resumida e objetiva. Depois que iniciei a pesquisa, confesso que observo todas as placas e ainda analiso suas informações.

Nos Arcos da Vida, estão os nomes dos enterrados da Quadra 27, entre os anos de 1952 até 1973. Os nomes estão apresentados em ordem alfabética em grandes placas que estão afixadas desde o primeiro pilar e seguem até o sexto pilar. Como algumas partes da Quadra 27 não possuem sinais de enterrados, apenas gramado, e alguns túmulos não possuem identificação de número ou nomes, as placas ajudam a identificar quem está sepultado naquele espaço.

No fim do corredor dos Arcos da vida, visualizamos a imagem de um anjo que alguns identificam informalmente como Gabriel. Ele está a quase oito metros de altura e se encontra próximo ao muro no limite do cemitério.

Abaixo do anjo, estão aqueles que foram enterrados nas “gavetas” que os familiares cuidam fazendo a manutenção das mesmas. Na imagem abaixo, pode-se notar o anjo e as gavetas. A respeito do anjo, temos poucas informações. Após conversas com a equipe do cemitério, supõe-se que seja apenas para fazer uma representação voltada à religião, de forma a acalantar os frequentadores do local.



Figura 6. Fonte: A autora, 2016.

Inicialmente, as gavetas eram uma opção a mais para os familiares, além de mudar o valor, sendo uma opção mais barata. Hoje não são mais construídas e estão todas ocupadas. As quadras estão quase todas preenchidas, sem espaços para novos enterramentos, os túmulos possuem um limite de até dez enterrados no mesmo terreno.

Segundo o administrador do local quando a prefeitura abriu as vendas de novos terrenos⁷, a maioria foi vendida nas primeiras semanas. Os valores não mudam de acordo com o local, mudam apenas de acordo com o passar dos anos. Esses novos lotes que

foram abertos para venda estão ao final do cemitério no lado esquerdo. Algumas quadras ainda estão sendo construídas, como é possível observar.

Referente ao meu tempo de observação, esse sempre muda e acontece de acordo com aquilo que busco. Durante um tempo, frequentei o local por quase três meses indo todos os dias das 16h30min até às 18h00min. Pude observar que muitas pessoas repetiam suas idas mais de uma vez na semana, sempre na mesma hora.

Um tempo depois, passei a ir de manhã, depois das 10h30min e não todos os dias, para observar como ele funcionava de manhã e quem passava por lá. O movimento da manhã é bem menor e os visitantes são mais idosos, já à tarde é mais movimentado. A maioria que frequenta esse espaço, sem distinção de horários, são mulheres. Elas, em geral, levavam flores, velas e rezavam.

O cemitério ainda está passando por melhorias. Na última vez que fui a campo, notei que havia construções novas sendo realizadas. Perguntei então ao administrador do local e ele me disse que estão sendo construídos dois banheiros para funcionários e uma cozinha, pois o local ainda não possui um espaço assim. Essas novas obras estão sendo construídas próximas à administração e perto das novas quadras que foram criadas no último ano.



Figura 7. Fonte: A autora, 2016.

Antes da reforma, não havia identificação das quadras, não tinha o nome do cemitério e nem dava mais para ver direito o que estava escrito. Muitas placas haviam caído. Na foto acima, dá para entender bem como eram e como ficou.

Por fim, com a ajuda da etnografia, o leitor passa a conhecer o campo, identificar os objetos e a entender como o trabalho foi desenvolvido. Esta parte é muito importante e nela o diário de campo foi essencial.

Devemos entender, assim, por escrever o ato exercitado por excelência no gabinete, cujas características o singularizam de forma marcante, sobretudo quando o compararmos com o que se escreve no campo, seja ao fazermos nosso diário, seja nas anotações que rabiscamos em nossas cadernetas. (OLIVEIRA, 2000, p.25).

Minha caderneta de campo ficou quase inteira escrita com o que eu via. Quando chegava em casa, apenas escrevia no trabalho o que se tornava mais importante naquele momento. Ressalto que a caderneta é um instrumento do qual usamos de forma intensa.

Muitas vezes alguns campos não permitem que levemos objetos, mas, como eu estava em um espaço aberto à visitação, um espaço público e havia informado que faria a pesquisa ao administrador, levava comigo o material necessário. Além de uma caderneta recheada de muitas experiências, o campo me rendeu muitas fotos, centenas eu diria, desde o lado mórbido do campo até as *selfies* pelo caminho.

Dificuldades dentro e fora do campo

O campo nos traz muitas dúvidas, mas, se conseguirmos ajuda de nossos interlocutores, podemos entender melhor como se passam as relações nesse espaço. No entanto, devemos analisar que nem todos os campos que pesquisamos têm a mesma abordagem ou possuem as mesmas dificuldades apresentadas a seguir. Minha primeira visita foi informal, decidi que iria visitar o cemitério e ver o que ele poderia me dar, assim, chegando lá não me apresentei e também não conversei com ninguém. Havia muitas dúvidas sobre o que eu realmente queria pesquisar dentro desse espaço.

Sendo assim, andei pelo espaço e analisei o que mais era comum dentro do mesmo. Esse primeiro contato foi bem confuso. No meu diário de campo, fiz anotações sobre o que eu estava vendo e ainda sobre o que era possível pesquisar diante de tudo.

Um tempo depois, fui até a sala de administração do cemitério. Quando entrei lá dizendo quem eu era, que precisava de informações para uma pesquisa da universidade e que esta seria meu Trabalho de Conclusão de Curso sobre o local, já notei que teria dificuldades em conseguir alguma informação rápida e clara. Sendo assim, solicitei e-mail e telefone do local, para entrar em contato quando tivesse necessidade. O administrador do espaço sugeriu que seria melhor que eu entrasse em contato com ele via e-mail ou até mesmo por telefone e ainda disse que se eu quisesse nem precisava ir ao local.

Inicialmente, fiz algumas perguntas um pouco incorretas, confesso, pois estava despreparada para a conversa. A primeira resposta que tive depois de quase cinco perguntas foi: “Estou há quase dez anos aqui e ainda não sei tudo sobre o local, imagina se você vai conseguir em um ano”. Nesse momento, pensei em desistir, mas continuei. Quando me surgiam as dúvidas, eu anotava e, chegando em casa, mandava e-mail ao administrador. O primeiro e-mail, ele me respondeu em uma semana; os demais eram respondidos em menor tempo. Até hoje, ainda mando perguntas.

Conversando sobre as dificuldades que eu estava enfrentando com os colegas de trabalho, pois na época eu era estagiária da prefeitura, me disseram para solicitar as respostas via protocolo. Assim, fiz um documento dizendo quem eu era e o porquê da minha pesquisa. Protocolei dois documentos iguais a setores diferentes: de Arquitetura e Urbanismo e outro ao setor de Infraestrutura. Esses dois documentos chegaram aos setores, mas acabaram sendo encaminhados ao administrador do cemitério.

Assim, quando chegaram os documentos, ele me enviou um e-mail dizendo o quanto estava ocupado e que demoraria até uma semana para responder todas as perguntas. Até hoje não obtive respostas de nenhum dos setores, nem mesmo do cemitério.

Outra dificuldade aparece em função da reforma do espaço ter sido realizada no ano de 2010, com a Gestão do antigo prefeito. Quando liguei na prefeitura solicitando informações, poucos sabiam como poderiam me ajudar e até mesmo em que setor eu poderia perguntar sobre o cemitério.

Aparentemente, não há relatos dessas reformas, ou nenhum outro documento que apresente como ela se deu e por que foi desenvolvida desta maneira. Tentei entrar em

contato com o antigo prefeito, via e-mail, mas também não obtive respostas sobre a reforma ou sobre o que levou o cemitério a conter aqueles elementos. Sendo assim, as buscas foram realizadas em livros que contam a história do município, em relatos e documentos que consegui no museu e no setor administrativo.

A dificuldade maior da pesquisa intrigantemente é o fato de eu manter relações meus principais informantes. Hoje, posso dizer que consigo informações com mais facilidade que antes, mas que nossa relação ainda não é boa. O cemitério é visto como um campo muito tranquilo e de fato é, mas é preciso saber o que vamos pesquisar dentro dele.

Por mais que estejamos em um mesmo ambiente, que por vezes procuramos as mesmas informações, a interação social entre os indivíduos ainda não acontece de forma fácil. Velho (1981) explicou que pertencer a uma mesma sociedade não significa que sejamos próximos. É preciso encontrar algo em comum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as análises que foram apresentadas, nas três partes do trabalho, podemos compreender que o espaço cemiterial passa por muitas mudanças no decorrer de sua construção. É um espaço de muitas histórias, sejam elas longas ou não, como foi possível ver na análise dos Arcos da Vida.

Os Arcos da Vida foram compostos visando às vidas da Quadra 27 e como elas se apresentam. Ao mesmo tempo é possível notar que por estarem dispostas ao longo do corredor central, elas fazem a mesma homenagem aos demais enterrados do local.

A importância da revitalização do local não está ligada apenas ao conforto que os visitantes e frequentadores solicitaram. Ela também se liga aos esquecidos e que tem que ser lembrados. Ser esquecido em um espaço como o cemitério pode ter vários fatores, mas ganhar memória após muitos anos é como se contássemos a história de novo.

Dessa forma, como poderíamos deixar de falar sobre os pioneiros? Eles são vistos pela cidade de forma evidente, parte da história de muitos aparecem em placas de memoriais, em jornais e livros sobre o município e o ano de sua criação. A Quadra 27 é parte dessa história que por muitas vezes não é contada em livros ou lugares de acesso.

Este estudo buscou então apresentar esses esquecidos que foram lembrados em meados de 2010 pela prefeitura, de uma forma que sua história estivesse ligada ao que

vivenciamos hoje. E ainda que essa Quadra 27 está composta com várias histórias e vidas que foram breves, mas que fazem parte do imaginário de cada família.

Como o pioneirismo é bastante claro e evidente e a história da região Oeste foi construída de forma programada e projetada, lembrar esses 741 esquecidos foi importante para os familiares e também para a história local. Os esquecidos fazem relação aos seus pais, possíveis colonizadores da região.

Portanto, essa pesquisa abre portas para novos estudos e futuras pesquisas do local, pois, mesmo com os resultados que foram encontrados, podemos buscar alguns familiares, descobrir quem foram esses infantes, por que a Quadra 27 agrega alguns pioneiros, sendo que eles não aparecem nas placas. Muitas perguntas ainda ficam e se constroem ao longo dos recortes que foram feitos.

O espaço cemiterial é muito rico em objetos e elementos para pesquisas, além da diversidade das histórias que ele possui. Essas se tornam ainda maiores se buscarmos sua origem. O cemitério Cristo Rei de Toledo passa a ser visto por mim com outros olhos, pois ainda pretendo buscar muitas coisas que envolvem sua história.

Notas:

1. Lei de 1º de outubro de 1828: Dá novas formas às Câmaras Municipais, marca suas atribuições, e o processo para a sua eleição, e dos juízes de Paz. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LIM/LIM-1-10-1828.htm. Acessado em: 15/08/2016.
2. O portal População.net.br apresenta com gráficos e tabelas informações sobre a população brasileira, além de informar sobre sua composição, como por exemplo: homens x mulheres; crianças, jovens, adultos e idosos; religião; entre outros. Acessado em: 08/09/2016. http://populacao.net.br/populacao-toledo_pr.html.
3. Ressalto que Toledo foi um local colonizado pela maioria Italiana, trazendo dessa forma suas características para o local e a região, assim temos muitas questões culturais desenvolvidas de acordo com o que eles nos deixaram.
4. Cf. Cemitério central de Toledo enfrenta superlotação com 13 mil sepultados - Local está rodeado de bairros e não há capacidade de ampliação, segundo secretário. Acessado em: 13/07/2016. <http://catve.com/noticia/6/70990/cemiterio-central-de-toledo-enfrenta-superlotacao-com-13-mil-sepultados>.
5. Localizado na Rua Elvira Bombonato, no Bairro Pinheirinho.
6. A equipe é composta por 4 vigias, 4 serviços gerais, 1 pedreiro e 1 servente.

7. As vendas de terrenos ocorrem o ano todo, mas já havia algum tempo que o cemitério Cristo Rei não tinha espaço para novos enterramentos. Dessa forma, a abertura de novos espaços para venda gerou uma procura muito grande. Todo ano existe a abertura de venda de lotes, mas são os que ainda restam no espaço, não estão sendo feitos novos locais de enterramento. Os motivos já foram citados anteriormente.

Referências:

BORGES, Maria Elizia. Imagens devocionais nos cemitérios do Brasil. *In: Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas*, 11., 2001, São Paulo. *ANPAP na Travessia das Artes*. São Paulo: ANPAP, 2001. p. 10-15, 2001.

CAPUTO, Rodrigo Feliciano. O homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico. *Revista Multidisciplinar da UNIESP*, São Paulo, n. 06, p. 73-80, dez. 2008.

COLOGNESE, Silvio Antônio. (org.). *Ruas de Toledo: Identidades que se cruzam*. Cascavel: Edunioeste, 2011.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia. 2. ed. São Paulo: Ebril cultural, 1978.

NIEDERAUER, Ondy H. *Toledo no Paraná: a história de um latifúndio improdutivo, sua reforma agrária, sua colonização, seu progresso*. 2. ed. Toledo: Tolegraf, 2004.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do Antropólogo*. 2. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2000.

REESINK, Mísia Lins. Quando Lembrar é Amar: tempo, espaço e memória nos ritos fúnebres católicos. *In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA*, 27, 2010, Belém. *Anais [...]*. Belém, 2010.

RODRIGUES, José C. *Tabu da Morte*. Rio de Janeiro: Editora FIO CRUZ, 2006.

SILVA, Andréia Vicente da. *Ritualizando o enterro e o luto evangélico: compartilhamento e incomunicabilidade na experiência da finitude humana*. 2011. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: http://www.bdt.d.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4011.

_____. Aproximando-se dos vivos e afastando-se dos corpos dos mortos: o rito de enterro evangélico e seu caráter de moralidade. *Ciências Sociais y Religión* (Impresso), v. 15, p. 89-111, 2013.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Editora Zahar - Rio de Janeiro, 1981.

Recebido em 26 de novembro de 2019

Aceito em 18 de fevereiro de 2020